Relatório

Agenda Juvenil

de Prevenção à Violência Letal contra a Juventude Negra

Instituto SoudaPaz

A paz na prática

Relatório Agenda Juvenil de Prevenção à Violência Letal contra a Juventude Negra

PARCERIA

SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO Secretaria da Justiça e Cidadania

CPPNI

REALIZAÇÃO

Instituto SoudaPaz
A paz na prática

APOIO

DEPUTADA ESTADUAL MARINA HELOU

SUMÁRIO

Apresentação 7

O Projeto 8

Proposições pensadas pela juventude 9

As produções culturais 12

Possibilidades e entraves para efetivação 14

- Ser feliz é tudo que se quer 15
- Lupa dos jovens: propostas para a segurança pública 19

Aprendizados 22

Referências 24

MENOS
PRECONCEITO
COM A MINHA COR

ACHO QUE VOCÊ
NÃO SABE MAS
NEGRO TAMBÉM
SENTE DOR

#SóQueroSairSem
MedoDeNuncaMais
Voltar

Poesia elaborada por jovem, no ciclo 3 do projeto, exposta no formato lambe-lambe no CIEJA Profª Rose Mary Frasson

Apresentação

A letalidade de jovens negros é um problema recorrente em nosso país e que exige esforços para sua solução. Em 2019, de acordo com o Atlas da Violência 2021[1], ao menos 45.503 homicídios aconteceram no Brasil e, destes, 51,3% afetaram jovens de 15 a 29 anos, sendo estes em sua maioria negros.

No estado de São Paulo, dados compilados pelo Comitê Paulista pela Prevenção de Homicídios na Adolescência, no relatório Vidas Protegidas[2], de 2022, mostram que

> *"desde 2016, em todos os anos da série histórica analisada, a maioria das vítimas de até 19 anos era negra, apesar da população do estado de São Paulo ser composta predominantemente por brancos (60%). Tomando por referência os critérios de raça/cor nota-se que em 2021, 53,81% das crianças e adolescentes vítimas de homicídio, latrocínio e lesão corporal seguida de morte eram negras e 45,71% brancas.* ***A predominância de crianças e adolescentes negros entre os mortos em decorrência de intervenção policial é ainda maior: em todos os anos da série, mais de 60% eram pretos ou pardos; em 2021 eram 63,4%."***

Por considerar inadmissível a naturalização da morte de jovens e partir do princípio da legitimidade de ouvir e considerar as vivências e opiniões desta população na construção de políticas públicas que apresentem efetivas soluções para enfrentamento e prevenção à violência letal, em 2021, o Instituto Sou da Paz decidiu desenvolver a **Agenda Juvenil de Prevenção à Violência Letal contra a Juventude Negra**, um projeto de diálogo e reflexão com a juventude. Este material pretende contar a metodologia que foi utilizada no decorrer do projeto, e apresentar as propostas e criações elaboradas pelas três turmas de jovens, a partir de encontros formativos desenvolvidos em rodas de conversa, diferentes linguagens culturais e artísticas desenvolvidas através de oficinas, além de trazer uma análise sobre as proposições pensadas, as possibilidades de efetivação ou eventuais gargalos e os principais aprendizados e desafios encontrados, comuns aos processos participativos construídos coletivamente por e para jovens.

Este projeto é fruto de um edital de emendas parlamentares, formalizado pela Secretaria de Justiça e Cidadania, por intermédio da Coordenação de Políticas para a População Negra e Indígena (CPPNI).

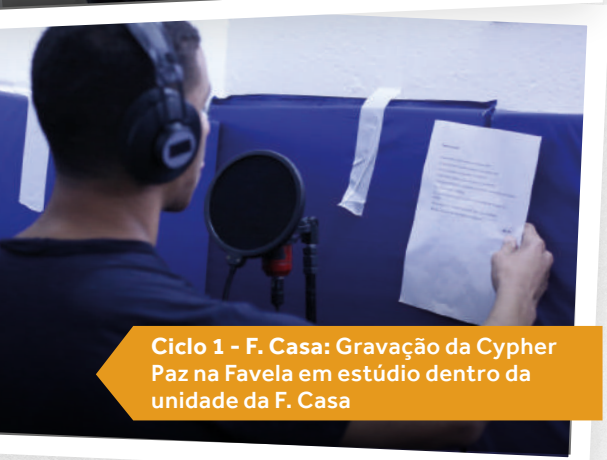
[1] Atlas da Violência 2021. IPEA. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/212/atlas-da-violencia-2021. Acesso em: 09 mar. 2023.

[2] Vidas protegidas: por um estado mais seguro para nossos meninos e meninas. Comitê Paulista pela Prevenção de Homicídios na Adolescência. Disponível em: https://www.pelavidadeadolescentes.com.br/vidas-protegidas. Acesso em: 09 mar. 2023.

REALIZAÇÃO:

Março de 2022 a maio de 2023

Ciclo 1 - F. Casa: Produção de material para a capa da Cypher Paz na Favela



Ciclo 1 - F. Casa: Gravação da Cypher Paz na Favela em estúdio dentro da unidade da F. Casa

O Projeto

OBJETIVO:

Amplificar a voz e as vivências de jovens e fazê-las chegar ao conhecimento dos atores de governo.

COM QUEM:

Três (03) turmas com aproximadamente 20 jovens cada, de idade entre 16 e 21 anos, moradores da cidade de São Paulo.

Uma turma de jovens que se encontrava em cumprimento de medida socioeducativa de internação na Fundação CASA; e os outros dois grupos eram jovens frequentadores de outros espaços públicos: em São Mateus (Zona Leste), os jovens eram alunos ou ex-alunos de Centros de desenvolvimento social e produtivo[3] e, na Brasilândia (Zona Norte) estudantes do CIEJA[4].

MÉTODO:

Para cada uma das turmas, foi desenvolvido um Ciclo Formativo a cada três meses, com encontros semanais, de duração média de 2h cada encontro. Este Ciclo teve quatro encontros técnicos, desenvolvidos por meio de rodas de conversa, coordenados cada um por um especialista dos temas de segurança pública escolhidos pelo grupo, que intercalavam-se a cada semana, com uma oficina colaborativa e cultural, mediadas por oficineiros que ofertavam e estimulavam diferentes formas de expressão da juventude, apresentando as mais variadas dimensões e habilidades desses sujeitos para a construção de propostas de enfretamento a letalidade da juventude negra.

Todos os encontros contavam com sistematização das discussões, de forma a registrar as proposições feitas pelos participantes.

[3] Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo (CEDESP) é um serviço previsto na Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais, que tem a finalidade de ofertar proteção social a adolescentes, jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social, por meio do Convívio, Mundo do Trabalho e Formação Inicial e Continuada.

[4] Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) é uma instituição educacional credenciada pelo Conselho de Educação para ministrar através de EJA – Educação de Jovens e Adultos (SUPLETIVO)

TEMAS OFERTADOS:

Cada turma escolheu **3 temas, dentre estes,** para seu Ciclo Formativo

- **Acessando dados sobre a violência letal contra a população negra** (1º tema, comum aos 3 grupos)
- **Violência armada**
- **Justiça restaurativa**
- **Violência nas abordagens policiais**
- **Violência de gênero e sexualidades**
- **Outras formas de violência que afetam a juventude**

Ciclo 2 - São Mateus: Encontro Formativo sobre Violência nas abordagens policiais

Ciclo 3 - Brasilândia: Encontro Formativo sobre Violência de Gênero e Sexualidade

OFICINAS:	PERCUSSÃO	RIMA /POESIA	GRAFITI
Ciclo 1 **Fundação CASA**	✓	✓	
Ciclo 2 **São Mateus**		✓	✓
Ciclo 3 **Brasilândia**		✓	✓

Ciclo 2 - São Mateus: Oficina de Grafiti

Ciclo 3 - Brasilândia: Oficina de Grafiti

Proposições pensadas pela juventude

Acolher e registrar as reflexões e propostas feitas pelos jovens e organizá-las a partir de temas e/ou áreas de atuação foi um exercício constante realizado pela equipe no decorrer do projeto, resultando em 34 propostas, que compõem as duas Agendas Juvenis já publicadas[5], e que serão apresentadas a seguir. Importante relembrar que aqui constam as propostas de todas as turmas do projeto, e que estas foram elaboradas a partir das mais variadas vivências pessoais dos participantes do projeto e das reflexões nos encontros formativos e oficinas.

As três turmas escolheram diferentes temas para os encontros formativos, o que possibilitou uma maior variedade de caminhos para a abordagem da letalidade da juventude negra, no entanto, o uso excessivo da força nas abordagens policiais foi tema unânime.

Sendo assim, é possível observar que a maioria das propostas são diretamente dirigidas às forças de segurança, em especial à Polícia Militar. No entanto, também surgiram muitas propostas direcionadas à outras políticas públicas, que se atentam para a adolescência e juventude antes da ocorrência dos episódios de violência letal, contribuindo para que esta não venha a ocorrer, cumprindo efetivamente com a ideia de prevenção de violência como etapa fundamental da política de segurança pública e efetivada de forma articulada e intersetorial.

Formação das polícias

Reciclagem nas temáticas abordadas na formação dos policiais, trazendo temas de direitos humanos e diversidade (questões raciais e de gênero);

O protocolo operacional padrão deve ser cumprido independentemente da localidade onde o policial está atuando ou a quem ele está abordando;

Formação e capacitação contínua com foco nos temas de direitos humanos, racismo, empatia

As abordagens policiais devem ser o menos violenta possível;

Policias femininas

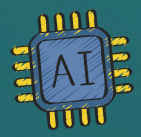
Ter mulheres em todas as "rondas";

Que a Polícia Militar tenha uma política de incentivo ao ingresso de mulheres na corporação;

[5] Agenda Juvenil de Prevenção à Violência Letal contra a Juventude Negra. Instituto Sou da Paz, 2022. Disponível em: https://bit.ly/SDP_AgendaJuvenil1-FCasa. Acesso em: 12 abr. 2023.

Agenda Juvenil de Prevenção à Violência Letal contra a Juventude Negra, Ciclo 2, São Mateus. Instituto Sou da Paz, 2022. Disponível em: https://bit.ly/SDP_AgendaJuvenil2-SMateus. Acesso em: 12 abr. 2023

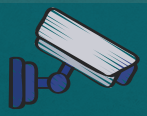
PROPOSIÇÕES EM SEGURANÇA PÚBLICA



Investimento em tecnologia

Que todas as viaturas tenha reconhecimento por digital para que não tenha perguntas sem ser daquele contexto da abordagem

Câmeras corporais para todos os policiais



Mais policiamento

Uma polícia mais empática e próxima da comunidade – policiamento comunitário com rondas de segurança mais frequentes, realizadas a pé;

Ampliação da vigilância (câmeras) nas vias públicas para contribuir com a identificação de crimes, abusos por parte da polícia e situações diversas;

Participação nas polícias

O comando da polícia ser como a população em geral quer, assim como uma votação de um presidente, assim todos teriam uma opinião a ser zelada

Aumento dos canais de denúncia

Divulgação dos canais de denúncia de violência policial;

Ampliação do uso de câmeras corporais para todas as rotinas de trabalho;

Humanização e responsabilização da atuação profissional

Garantir espaços de discussão para criar melhores condições de identificação de motivações racistas e/ou preconceituosas em investigações sobre as ações violentas de policiais, para que sejam responsabilizadas.

Menos preconceito e mais ética durante a realização das abordagens policiais.

Menos discriminação, mais respeito, e mais empatias no trato com as pessoas (Que transmitam sensação de “proteção”, não de “medo”)

Punições mais rígidas: em algum descumprimento de regras e normas

Não à corrupção - trabalho técnico adequado

Uma lei que garanta que a abordagem policial seja executada com respeito e com normas (protocolo operacional padrão) acessíveis e de conhecimento da população;

Tornar de conhecimento público as normas e procedimentos operacionais padrões das abordagens policiais, bem como as possíveis consequências, em caso de descumprimento por parte da policial, para que todos os cidadãos possam saber seus direitos

PROPOSIÇÕES EM POLÍTICAS PÚBLICAS

Educação	Escola que aborde conteúdos que estejam relacionados as histórias dos estudantes (racismo e sobre os riscos e consequências do envolvimento com a criminalidade) Melhores condições de infraestrutura e ausência de preconceito por parte da comunidade escolar, nas periferias, para diminuir a evasão escolar Escola mais acolhedora e conectada com as temáticas de diversidade, direitos humanos (questões raciais e de gênero) e violência contra adolescentes e jovens;
Cultura	Ampliação de ofertas culturais para adolescentes e jovens;
Trabalho	Mais oportunidades de emprego formal para a juventude
Poder Legislativo	Aprimorar a legislação para os crimes sexuais;
Infraestrutura Urbana	No mínimo, saneamento básico na nossa região de moradia Melhorar a iluminação das vias públicas;
Participação Social	Possibilitar a efetivação de espaços de discussão sobre violências e formas de enfrentamento em espaços comunitários; Realizar campanhas sobre assédio e violência sexual;
Assistência Social	Projetos que possibilitem encontros com pessoas que apoiem a juventude; e que desenvolvam ações de Proteção/orientação para possíveis riscos Fortalecimentos de familiares de adolescentes e jovens em vulnerabilidade para que esta família possa ser e estar presente para apoiar os jovens

As produções culturais

Além das propostas escritas, os adolescentes e jovens construíram outros produtos, resultados de muitas formas de expressão em diversas linguagens, apresentados a seguir:

Por meio de rimas e poesias foi possível que os/as jovens explicitassem suas diferentes percepções dos temas abordados, muitas vezes compartilhando suas vivências e experiências e, ao mesmo tempo, trazendo ludicidade e leveza para temas difíceis. Esta oficina foi ofertada nos três ciclos, e em cada um foi possível a construção de produtos diferentes.

Ciclo 1 – Fundação CASA

Foram produzidas poesias individuais, em pequenos grupos, e poesias que se tornaram letras de música.

MENOS PRECONCEITO
E MAIS EMPATIA

E PEDIMOS PAZ E IGUALDADE
PARA TODOS E A POLÍCIA

COM MENOS PRECONCEITO
E MAIS EMPATIA

TORÇO PARA QUE ISSO
ACONTEÇA UM DIA

QUE TODOS SEJAM
FELIZ DA VIDA

E PODER ANDAR
DE CABEÇA ERGUIDA

Poesia de Autoria Individual.
Ciclo 1, F. CASA

Ciclo 2 – São Mateus

foram produzidas, inicialmente, poesias em pequenos grupos, que ao final compuseram uma única poesia.

"...O CARRO PASSOU
A BUZINA TOCOU
O MEDO DO ASSEDIO
VEIO E ME DOMINOU

A RUA ESCURA
SEM NENHUMA VIATURA
EU APERTO PASSO POR QUE
EU NÃO ESTOU SEGURA
COLOCARAM A FACA NA
MINHA CINTURA
SERÁ QUE VAI SER MORTE?
OU VAI SER TORTURA..."

Trecho da Poesia Vídeo Doc.
Ciclo 2, São Mateus

Ciclo 3 – Brasilândia

As poesias foram produções de autoria individual, expostas ao final do projeto, em lambe-lambe

NÃO POSSO
MUDAR O
MUNDO

MAS POSSO
MUDAR A MIM
MESMO

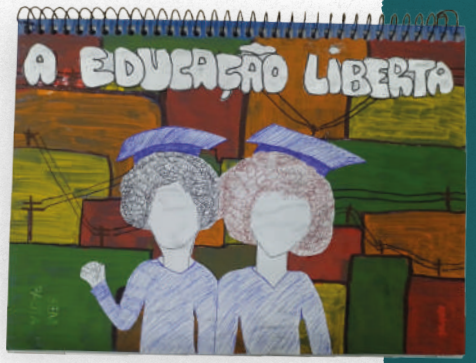
Poesias de Autorias Individuais.
Lambe-lambe. Evento Apoema

Capa da cypher "Paz na Favela"

As oficinas de percussão se concretizaram como espaços de expressões livres do grupo, a partir da experimentação de instrumentos musicais diversos, com dinâmicas e exercícios que traziam elementos da personalidade dos integrantes do grupo e permitiam sua livre expressão do grupo.

No ciclo 1, realizado na F. CASA, as duas oficinas possibilitaram a gravação da cypher[6] "Paz na Favela"[7], cuja capa também fora produto das reflexões do grupo. Esta cypher, juntamente com a Agenda Juvenil deste ciclo foram lançadas em um evento realizado em setembro de 2022[8].

As oficinas de grafiti propiciaram as expressões com uso de cores e formas, traduzindo opiniões e vivências dos meninos e meninas, possibilitando que estas ganhassem forma e concretude. Na Brasilândia, os grafitis (produzidos em folha A2 de papel Canson) foram expostos na Mostra Cultural Apoema, realizada em dezembro de 2023, no CIEJA Profª Rose Mary Frasson.



No Ciclo 2, São Mateus, foram produzidos grafitis individuais, em capas de caderno, e em folhas A2 de papel Canson.

Além disso, foi produto também do Ciclo 2, São Mateus, a partir das oficinas de rima e grafiti, um vídeo doc[9], que foi lançado em um evento realizado em dezembro de 2022[10].

[3] Não há uma exatidão quanto à origem da cypher mas, a palavra vem do árabe sifr, e significa zero. Relacionado ao movimento hip-hop, está atrelada ao breakdance, momento onde as pessoas se reuniam em círculo para assistir à outra pessoa que dançava no meio deste círculo. No rap, a cypher reúne os MCs para a construção e junção de rimas.

[7] Cypher Paz na Favela: https://www.youtube.com/watch?v=2dXShOhgfGU

[8] Jovens da Fundação CASA propõe agenda e música com Instituto Sou da Paz para enfrentar violência letal contra juventude negra. Instituto Sou da Paz, 2022. Disponível em: https://soudapaz.org/noticias/jovens-da-fundacao-casa-propoem-agenda-e-musica-com-instituto-sou-da-paz-para-enfrentar-violencia-letal-contra-juventude-negra%ef%bf%bc/. Acesso em: 12 abr. 2023.

[9] Agenda Juvenil de Prevenção à Violência Letal Contra a Juventude Negra - Ciclo São Mateus. Instituto Sou da Paz, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UeMb74ALMb8&t=7s. Acesso em: 12 abr. 2023.

[10] Jovens da periferia propõem melhorias em políticas públicas para enfrentamento à letalidade contra a juventude negra. Instituto Sou da Paz, 2022. Disponível em: https://soudapaz.org/noticias/jovens-da-periferia-propoem-melhorias-para-a--seguranca-publica-e-outras-politicas-publicas-para-enfrentamento-a-letalidade-contra-a-juventude-negra/. Acesso em: 12 abr. 2023.

Possibilidades e entraves para efetivação

Este capítulo busca refletir sobre possibilidades e entraves para efetivação das propostas, bem como as possíveis conexões ou dissonâncias destas com o que já vem sendo debatido por outros coletivos e/ou espaços institucionais. Para realizar essas análises, o Sou da Paz convidou dois especialistas para se debruçar sobre os materiais produzidos pelos adolescentes e jovens participantes.

Ser feliz é tudo que se quer

Fábio Silvestre da Silva

Embora não tenha participado das atividades com os/as jovens, recebi com satisfação, como homem negro, o convite de refletir sobre o projeto Agenda Juvenil de Prevenção à Violência contra a Juventude Negra, do Instituto Sou da Paz, a partir das propostas elaboradas pelos participantes afetas à educação, assistência social, trabalho, infraestrutura urbana e outras, com a finalidade de ampliar os pensamentos sobre a importância da transversalidade e intersetorialidade destas para a efetivação de uma política de prevenção à violência. O relatório, o qual tive acesso, consegue trazer todo o colorido de como foram os processos.

Hoje, crianças, adolescentes e jovens são reconhecidos como sujeitos de direito, ou seja, assim como os adultos, têm direitos e garantias fundamentais que devem ser asseguradas e exercidas em nome próprio.

Artigo 12: Os Estados Partes devem assegurar à criança que é capaz de formular seus próprios pontos de vista o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados a ela, e tais opiniões devem ser consideradas, em função da idade e da maturidade da criança. (ONU, 1989).

A Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989), em 54 artigos, traz diversas conquistas para os direitos e apresenta avanços fundamentados nos princípios da não discriminação, do melhor interesse, do direito à vida, à sobrevivência e ao desenvolvimento, e do respeito às opiniões. Aqui, fica nítido que estamos diante de uma proposta que inova na tecnologia

social de desenvolvimento de projeto, que considera uma abordagem construtivista na participação coletiva do processo de organização, desenvolvimento e implementação. Segundo Novaes (2012), desde os anos de 1990, em áreas pobres e violentas, começaram a proliferar grupos culturais em torno de estilos musicais (tais como rock, punk, heavy metal, reggae, hip-hop, funk), artes cênicas, grafiti, danças (street dance, break) e grupos esportivos (entre eles, futebol, basquete de rua e skate), a partir dos quais são levadas demandas juvenis ao espaço público. Entendendo isso, a equipe do projeto conseguiu fazer a escuta dos jovens com engajamento pela intervenção estética e poética, acolhendo os seus saberes e suas opiniões numa linguagem artística que teve a intencionalidade de engajar nas reflexões num território conhecido no imaginário dos participantes.

Lendo os encontros relatados, nas propostas elaboradas pelos participantes, fica confirmado o acerto do Instituto Sou da Paz ao buscar a voz de adultos "especialistas" para reforçar os saberes dos jovens e suas vivências sobre os desejos de ver mudanças nas políticas públicas a quem muitas vezes não os ouve, ou seja, quem aprova e executa essas políticas. É, talvez, uma boa provocação ao mundo adultocêntrico (que só entendem quando os adultos falam), garantido que as vozes da juventude falam aos ouvidos dos jovens e as vozes adultas aos adultos.

Dito isso, vale ressaltar que a juventude, especialmente a partir dos anos 2000 em diante, tem sido destinatária de diversas políticas públicas, especialmente no que diz respeito à proteção social, à inserção profissional, ao combate à violência e à participação cidadã. Essas políticas, antes fragmentadas e sem atual continuidade, pós desmonte geral, precisam ser costuradas e consolidadas de maneira firme, à medida que o segmento jovem ocupa cada vez mais lugar na agenda pública do Brasil.

Regina Novaes, em comunicação oral na UNIRIO, em 2012, indagou: o que é ser jovem no Brasil, num momento em que aumentam as expectativas de vida e, ao mesmo tempo, se espalham inseguranças e o "medo de morrer cedo" e de maneira violenta? Embora o tema da segurança pública será melhor tratado por outro especialista, chama a atenção dos jovens essa questão nas suas proposituras e, para Novaes, a explicação para a violência entre jovens pode ser buscada na inédita conjugação histórica de três fatores: a) a proliferação de armas de fogo, que obedece aos interesses da indústria bélica, nacionais e internacionais; b) a existência de territórios pobres dominados pelo comércio de drogas ilícitas, parte de uma rede bem mais ampla e complexa que cobre o mundo e gera lucros e; c) a corrupção e a violência das polícias, que, despreparadas para lidar com a juventude, exigem dinheiro dos mais ricos e sujeitam os mais pobres a vários tipos de humilhações. É na conjugação desses três fatores que os jovens convivem com a exclusão física, isto é, com a morte prematura de pares (irmãos, primos, vizinhos e amigos), o que leva a se espalhar, entre eles, um sentimento: o "medo de morrer" de forma violenta e prematura, o que nitidamente ocupou o maior espaço e tempo nas proposituras apresentadas no projeto.

Para facilitar o endereçamento proposto, fiz um apanhado das propostas mais ligadas às políticas sociais básicas elaboradas pela juventude participante para construir um caminho de análise e os motivos pelos quais creio que a produção deve seguir em pauta nos espaços legítimos de construção de políticas públicas. As propostas trazem em si uma certa obviedade, o que nos faz refletir essas

presenças das políticas na vida dos participantes. Na educação, a juventude participante pede uma escola acolhedora, que seja considerada no processo educacional, sem preconceitos e, pasmem, numa escola em melhores condições de infraestrutura. Ampliação de oportunidade e acesso à cultura e ao mundo formal do trabalho. Na Assistência Social propõem ações de proteção e fortalecimento dos vínculos familiares. Destacam a participação cidadã solicitando efetivação de espaços que realmente atraiam para garantir a vez e voz dos jovens. Na infraestrutura, propõe o saneamento básico e a iluminação nas vias públicas.

Não cabe uma explicação detalhada das propostas, na medida em que houve debates prolongados até chegar ao consenso de quais ideias seriam defendidas como propostas, no entanto, fica nítido que **somente a escola e a polícia mostram a presença marcante do Estado na vida da juventude escutada no projeto.** Além disso, a ausência de propostas voltadas para a política de saúde, especificamente, nos abre um alerta se a presença é sentida ou não nesta população. Por fim, chama ainda atenção a reprodução da punição como método herdado do espírito do tempo da sociedade punitivista que vivemos.

Apesar de trazer aqui de modo sintético os pontos, as propostas, em sua totalidade, nos fazem ouvir e perceber uma realidade ainda repleta de desafios para o cumprimento das políticas públicas, especialmente por não serem percebidas pelas juventudes. Contudo, é possível vislumbrar, com uma publicação desta natureza, o exercício de elaboração, execução e o controle da efetivação das políticas, um futuro promissor, se forem observadas algumas prioridades na política de atendimento, como gritam cada uma das proposições reivindicadas pelas juventudes.

De qualquer modo, é fácil entender que não basta apenas criar leis, políticas públicas e projetos. É preciso estabelecer mecanismos que assegurem sua implementação na ponta, nos estados e municípios. Um aspecto essencial para caracterizar as políticas públicas é a presença do aparato público-estatal em sua definição, assim como em sua execução e avaliação, a fim de assegurar seu carácter público (RUAS, 2008). Porém, é importante não confundir políticas públicas com programas governamentais que são pontuais e, via de regra, sofrem descontinuidades. Isto porque além do poder executivo, os poderes legislativo e judiciário também têm a seu cargo o estabelecimento de políticas públicas de Estado. Com efeito, a noção de política pública não pode ser reduzida à prestação de serviços, já que envolve projeto de natureza ético-política e numerosos níveis de relações entre o Estado e a sociedade civil. Ou seja, de onde olhamos, deveriam ser mais presentes na vida do cidadão, o que não pode ser constatada nas propostas apresentadas pela juventude.

Sabemos também o quanto é importante não ter uma relação verticalizada ao pensar as políticas públicas, uma vez que estas devem nascer da demanda de solução de problemas que afetam a coletividade. Segundo Abad (2003), nessa perspectiva, é reconhecida a capacidade dos jovens de formular objetivos pessoais e coletivos, de comunicar e defender publicamente a legitimidade de seus interesses e necessidades, e de atuar no espaço público com plena consciência de seus direitos, com base em um pensamento crítico, autônomo e emancipador, em um autêntico processo de "cidadanização". As demandas juvenis não estão desconectadas de outros grupos e movimentos sociais. De forma geral, articulam questões estruturais de distribuição e acesso, com a necessidade

de reconhecimento do que é específico dessa geração juvenil e, por conseguinte, implicam incremento da participação de jovens. Assim, endereçar exclusivamente às autoridades do poder público é um caminho, mas não pode ser considerado o único, na medida em que há espaços setoriais importantes de discussão e legitimação representativa para tais demandas. Refletindo sobre o debate que vincula demandas juvenis a integração das políticas, podemos recorrer à reflexão de Papa (2011) que analisa a transversalidade como resultado de uma construção histórica, que se depara com momentos de maior ou menor oportunidade para avanços, como também uma aposta para o processo de transformação das estruturas do Estado para fortalecer a Democracia e a inclusão. Em que pese as desigualdades de poder existentes nas relações intergovernamentais que limitam determinadas agendas, a ação transversal caracteriza uma gestão que procura levar maior equilíbrio a estas relações e, por meio de políticas públicas, maior igualdade também às relações na sociedade.

É possível concluir que parte das demandas apresentadas como prioridades pelas agendas juvenis vem sendo, ao longo dos anos, consideradas por projetos, políticas ou programas sociais em âmbito governamental. Cabe, contudo, integrá-las e reunir condições para ter sua implementação potencializada e que seja percebida pela população de modo geral.

As propostas devem nos imprimir outro ritmo na sua implementação tendo o olhar no futuro, mas consciente que a ação deve ser para o aqui e agora. As juventudes têm pressa. Neste sentido, sabemos que precisamos, com sensibilidade, diálogo e ousadia, experimentar métodos, novas tecnologias, reunir esforços das várias áreas de conhecimento, como propõe essa publicação, e estabelecer o máximo de parcerias.

O meu sentimento e desejo é que as vozes dos jovens e as análises aqui trazidas sejam úteis para transformar o quadro retratado. Que elas contribuam para o resgate da dignidade e cidadania e ajudem a produzir uma visão de futuro mais promissora do que aquela que parece destinada a tantos jovens. **Agora é a sua vez de ler e ouvir as várias vozes. É a sua vez de entender o silêncio ensurdecedor das ausências das políticas públicas nas vidas das juventudes neste Brasil. É a sua vez de reconhecer que eles são gente e têm direitos! É a sua vez de entender que ser feliz é tudo o que se quer.**

CRIANÇAS DA PERIFERIA
VAI CRESCENDO

VISUALIZANDO O MUNDO DE
OUTRO ÂNGULO TÁ DIFÍCIL
ENTENDER A POLÍTICA,

EM UM DIA OFERECER AJUDA,

NO OUTRO EM UMA BATIDA
DE MARTELO NOS DERRUBA

AGORA ENCARANDO
A REALIDADE

JUNTANDO O FATO COM
A VERDADE

SERÁ QUE NOSSA GERAÇÃO
TEVE AJUDA COM DIGNIDADE?

Trecho da Cypher Paz na Favela elaborada por jovem, no ciclo 1 do projeto na Fund. Casa

Lupa dos jovens: propostas para a segurança pública

Bruno Langeani

O diálogo com jovens que possuíam diferentes vivências, inclusive com aqueles que possuíam histórias permeadas por envolvimento com a criminalidade e violações de direitos, possibilitou a estes revisitar suas trajetórias, assim como descobrir e desenvolver capacidades que aumentem a autoestima e os ajudem a trilhar uma trajetória frutífera e afastada do ciclo infracional. Além disso, os jovens puderam escolher os temas para a prática de rodas de conversa. Dentre eles, não surpreendentemente foi escolhido a tão presente e infelizmente conflitiva relação com as forças policiais, entendidas aqui de forma ampla que incluem principalmente (mas não se restringe) a polícia militar, mas a polícia civil, as guardas municipais e, em menor grau, forças federais (PF e PRF).

Especialmente por conta do contato frequente e muitas vezes cercado de violência institucional por parte do Estado, os tomadores de decisão nos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) deveriam prestar muita atenção nas propostas que emergiram deste rico debate.

Ainda que algumas poucas sugestões, como a que pleiteia eleição para escolha de chefes de polícia (como acontece em alguns países), mas sem previsão legal no Brasil possam parecer distantes e até possivelmente contraproducentes no contexto político atual, a maior parte das sugestões são também endossadas pela academia, e em muitos casos com grande viabilidade no contexto brasileiro.

No quesito diversidade, há propostas para ampliar a participação de mulheres nos quadros da polícia e também nas patrulhas. Pesquisas referendam esta proposta, pois apontam que policiais homens tendem a usar mais a força e de forma mais abusiva do que as mulheres. Isto também é verdade para policiais brancos em comparação a policiais negros, na interação com pessoas negras (TERRILL; INGRAM, 2016, p. 14-15).

Cabe destaque a defesa que os jovens fazem do cumprimento do protocolo de forma rígida e republicana, ou seja, que não seja alterada ou burlada dependendo do perfil do abordado ou do bairro em que é realizada. A defesa da transparência é também destaque das propostas, com a recomendação de que os protocolos das polícias sejam públicos, permitindo com que a sociedade tenha ciência do que é ou não permitido e, com isso, possa denunciar com mais clareza quando da ocorrência de abusos. Para além da divulgação dos protocolos, pesquisas apontam que a transparência ativa sobre indicadores de uso da força da polícia, como a quantidade de vezes que as armas foram sacadas (retiradas do coldre) e apontadas para suspeitos, quantidades de ocorrências com disparos efetuados, ou como a força foi usada para uma imobilização, são medidas que já

ajudam a inibir o uso da força e aumentar a pressão social neste sentido (TERRILL; INGRAM, 2016, p. 21).

Há entre os jovens também boa aceitação nas novas tecnologias. O Terminal de viatura (tablet) que possibilita a identificação do cidadão pela digital é bem avaliado pelos jovens, pois 'encurta' as abordagens, já que não há debate sobre a autenticidade do documento ou pendências infracionais com os jovens. Da mesma forma, as câmeras corporais são bem recebidas por este público, indicando uma mudança no no comportamento dos policiais que a utilizam, e reconhecimento da possibilidade de resgatar provas em caso de abuso, não ficando sujeitos apenas à palavra do policial contra a do abordado. Esta tecnologia também encontra boas evidências no campo acadêmico e em testes de implementação em outros países.

> *A revisão identificou que a utilização de câmeras de corpo provocou, em média, uma queda do uso da força de 15,8% quando o policial não pode escolher quando ligar ou não ligar a câmera (o que foi o caso em 14 estudos). Quando o policial tem a opção de escolher quando ligar a câmera (que foi o caso em oito estudos), ocorre um surpreendente aumento do uso da força, de 22%, não estatisticamente significativo, indicando a possibilidade de um efeito colateral sobre esse tipo de uso das câmeras que precisa ser analisado por novos estudos. (TERRILL; INGRAM, 2016, p. 31)*

É importante destacar que em São Paulo esta tecnologia já está em implantação na Polícia Militar[11], mesmo que sua cobertura ainda seja baixa. De toda forma, o fato da tecnologia e do regulamento já estar criado, facilita a pressão por uma ampliação e aperfeiçoamento da mesma.

> *Há muitas críticas dos jovens com relação à questão dos desvios, sejam de violência ou corrupção, emergindo uma percepção de que os métodos de controle (internos ou externos) são falhos e desconhecidos. Para este problema sugerem ampliação dos canais de divulgação de denúncias, punições mais severas, entre outras. Neste ponto, uma remodelação das estruturas existentes no Brasil parecem ser necessárias. Avaliações mostram que agências de supervisão civil e externas às polícias, com mandatos fixos e poderes de investigação são mais eficientes que as corregedorias internas.*
>
> *"Um estudo analisando 17 agências policiais (EILEEN, 1994) identificou que as divisões de assuntos internos conseguiram comprovar cerca de 12% das reclamações de brutalidade, enquanto os comitês de supervisão de cidadãos conseguiram comprovar 19% das reclamações, uma diferença de 58%. Outro estudo, de oito cidades, num projeto feito pelo Governo dos EUA, encontrou que a probabilidade de as queixas dos cidadãos se transformarem em procedimentos de investigação era 78% maior em departamentos que tinham alguma agência de supervisão civil independente (TERRILL; INGRAM, 2016, p. 32).*

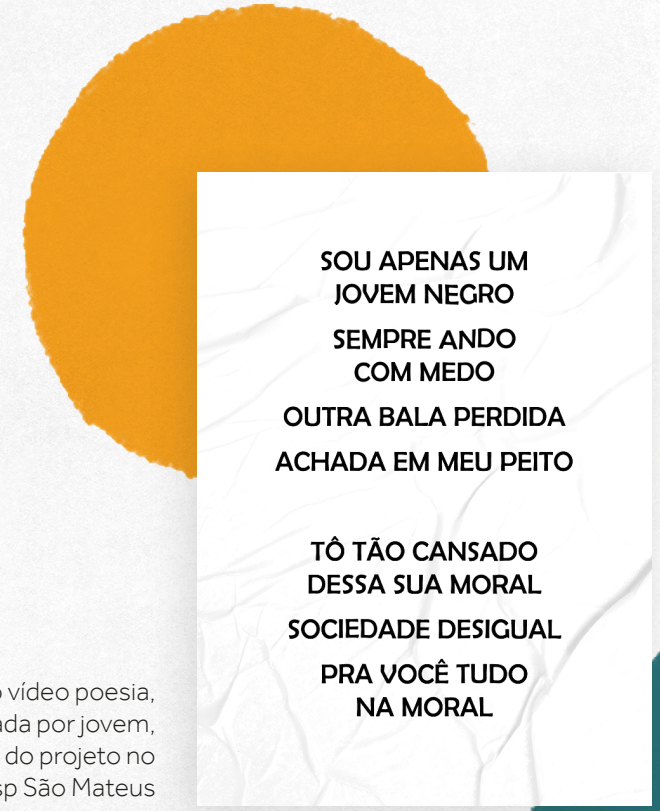
[11] O Programa "Olho Vivo" foi iniciado em São Paulo em 2020.

É assustador e um convite à reflexão que a recomendação dos jovens não seja uma abordagem 'sem violência', e sim uma abordagem 'com menos violência possível'. Ainda assim, é um indicativo da necessidade de se rediscutir as alternativas, frequência e grau em que a força é usada em abordagens policiais.

Por fim, mas não menos importante, é necessário discutir o uso massivo de abordagens, muitas delas totalmente subjetivas e, portanto, mais suscetíveis a ocorrência de preconceitos, onde o perfilamento racial pode ter mais efeitos negativos do que positivos, para além da injustiça e violações dos procedimentos. Citando uma revisão sistemática feita em 2023, que analisou 40 estudos sobre o tema, o relatório do Instituto Cidade Segura afirma:

> *A metanálise dos resultados encontrou que embora a prática provoque uma queda média de 13% nos crimes em comparação com as áreas de controle, ela provoca diversos efeitos negativos sob os indivíduos que sofreram a revista policial, com um aumento de 46% de problemas psicológicos, como ansiedade, trauma, depressão, problemas de sono e de 36% de danos físicos em razão do uso da força ocorrido durante a revista. Além disso, os indivíduos que sofreram a revista tiveram uma piora em sua atitude em relação a polícia de intensidade muito alta e tiveram uma piora em sua trajetória de risco, com um aumento no auto-relato de cometimento de delinquências em 15% e de 18% de crimes, com resultados piores para jovens e nos estudos dos EUA do que na Europa.*

Precisamos olhar com lupa estas propostas feitas pelos jovens e reforçar a legitimidade desta discussão rica promovida pelo grupo que provavelmente é quem tem mais interações diárias com a polícia na sociedade.



Trecho do vídeo poesia, elaborada por jovem, no Ciclo 2 do projeto no Cedesp São Mateus

Aprendizados

Foram inúmeros os aprendizados com a realização deste projeto. Aqui daremos destaque aos que serão nossas maiores referências para possível extensão do projeto. O tema é difícil, e ao abordá-lo e refletir sobre, ainda que haja muitas diferenças entre a forma como cada um interpreta a partir de suas histórias de vida, é comum identificarmos, por meio de suas produções, a expressão de sofrimento e muita frustração nos adolescentes e jovens:

Há um reconhecimento por parte dos adolescentes e jovens que ocupam, nesta temática, um lugar de luta, de busca constante por superação e de enfretamento de inúmeras formas de violência para conseguir sobreviver.

Grafiti produzido no Ciclo 3, Brasilândia

O QUE SERÁ QUE FAÇO
PARA ME PROTEGER?
MONTO ESTRATÉGIAS
E SOU OBRIGADA A SAIR COM RG

QUEM É VOCÊ SE NÃO
TIVER COM O RG?
PODE ESTAR VINDO DO TRAMPO
MESMO ASSIM VAI SOFRER

DE ONDE VOCÊ VEIO?
O QUE VOCÊ TÁ FAZENDO?
NÃO ESTOU USANDO DROGAS
ESTOU SOBREVIVENDO

Trecho de poesia (vídeo poesia). Ciclo 2, São Mateus

O QUANTO A GENTE
SOFRE NA MÃO DOS
PARTIDOS RICOS

HÁ QUANTO TEMPO
A GENTE MORRE
SEMPRE POR
ENGANO

HÁ QUANTO TEMPO
A TRANCA CANTA
PRA UM FAVELADO
E SERÁ QUE A CADEIA

CHEGA PRA QUEM
REALMENTE TÁ ROUBANDO?!

Poesia. Ciclo 3, Brasilândia

Foi comum a todos os ciclos, os participantes afirmarem não terem contato com discussões acerca dessas temáticas em outros espaços frequentados por eles.

Aos participantes dos 1º e 2º ciclos, que formaram grupos fechados, foi possível realizar um processo avaliativo que ao final nos trouxe dados que possibilitaram consideramos que o objetivo principal do projeto foi alcançado.

No início do projeto na F. CASA, 47%, e em São Mateus, 25% dos jovens respondentes, declararam desconhecer a temática de letalidade da juventude; e ao final dele, 93% e 91%, respectivamente, afirmaram que passaram a conhecer e entender a temática. E, para além dos objetivos do projeto, consideramos que um dos maiores ganhos do projeto tenha sido possibilitar aos jovens que participaram das discussões e reflexões acerca da temática, melhores condições de reconhecimento das diferentes formas de violência em suas vidas.

No ciclo realizado na F. CASA, houve um maior reconhecimento de 67% dos participantes do quanto eles podem sofrer, e de 76% de serem agentes de violência contra outras pessoas (incluindo o cometimento do ato infracional); e em São Mateus, 91% dos respondentes afirmaram um maior reconhecimento das violências que podem sofrer, e 59% serem agentes de violência contra outras pessoas.

Eu aprendi diversas coisas sobre as quais tinha zero conhecimento. Que me fazem enxergar as ações violentas de uma maneira mais crítica.

Depoimento de um adolescente do 2º Ciclo, em avaliação do projeto

"[...] estou saindo com muitos aprendizados referente a abordagem como são meus direitos e deveres e isso é muito importante eu saber."

Depoimento de um adolescente do 1º Ciclo, no encontro formativo sobre violência nas abordagens policiais

Ficha Técnica

Diretora executiva
Carolina Ricardo

Gerente de engajamento cívico
Janaina Baladez

Equipe do projeto
Danielle Tsuchida
Jéssica Moura
Vanessa Machado Alves

Oficineiros
Igor Chico
Kezia Paz
Randal Bone
Samuel Porfirio
Tody_grafiteiro

Colaboração
Bruno Langeani
Fábio Silvestre da Silva

Revisão de texto
Ingrid Passos

Projeto gráfico e diagramação
Marina Sá

Referências

ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia; PAPA, Fernanda (Org.). **Políticas públicas:** juventude em pauta. São Paulo: Cortez, 2003.

KOPITTKE, Alberto. **Síntese de evidências para a redução do uso abusivo da força, racismo e letalidade policial.** Instituto Cidade Segura, 2022. Disponível em: https://institutocidadesegura.com.br/wp-content/uploads/2023/03/Sintese-de-evidencias-para-a-reducao-do-Uso-Abusivo-da-Forca-no-pais-1-1.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

KRAUSKOPF, Dina. La construcción de políticas de juventud en Centroamérica. In: LEÓN, Oscar (Ed.). **Políticas públicas de juventud en América Latina:** políticas nacionales. Viña del Mar, Chile: Cidpa, 2003.

NOVAES, Regina Célia Reyes. **Documento técnico contendo proposições para o Programa Estação Juventude.** Brasília: SNJ, 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos da Criança**, de 20 de novembro de 1989.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento [PNUD]. **Inovar para incluir:** jovens e desenvolvimento humano. Informe sobre desenvolvimento humano para o Mercosul 2009-2010. Argentina. PNUD/Nações Unidas, 2009.

TERRIL, William; INGRAM, Jason. **Citizen complaints against the police:** an eight city examination. Disponível em: https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=en&user=VzsNt-MAAAAJ&cstart=20&pagesize=80&sortby=pubdate&citation_for_view=VzsNt-MAAAAJ:GnPB-g6toBAC. Acesso em: 12 abr. 2023.

Instituto SoudaPaz

A paz na prática